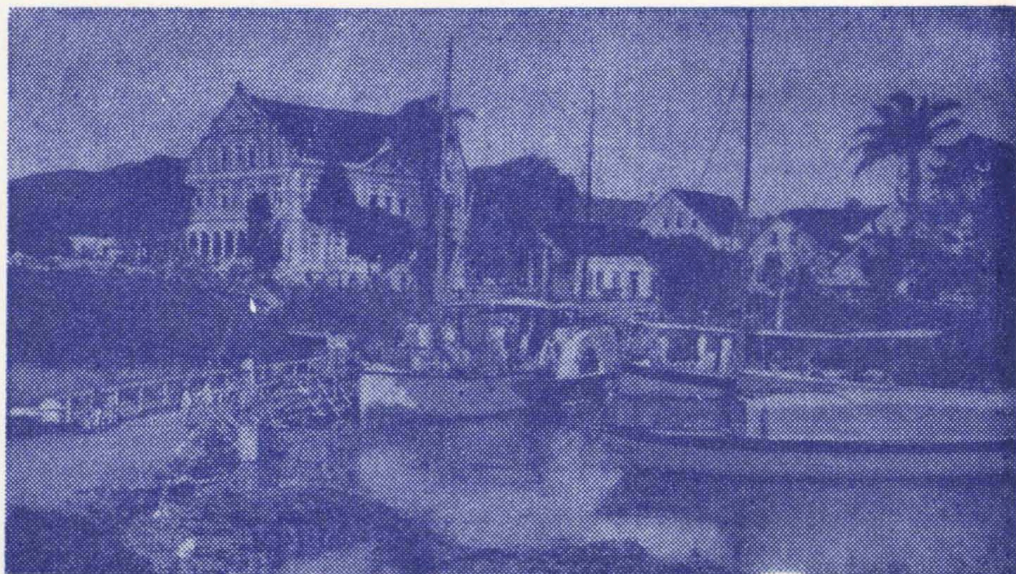


BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XX — No. 7
JULHO de 1979

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Germer Industrial S. A. — Timbó
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.- Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XX

JULHO DE 1979

Nº. 7

— S U M Á R I O —

	Página
PRESENÇA ALEMÃ NA HISTÓRIA DO BRASIL - II	174
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	177
FATOS HISTÓRICOS SOBRE ABASTECIMENTO DE ÁGUA ..	181
O TEATRO EM BLUMENAU	185
A LITERATURA EM SANTA CATARINA	187
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	190
ACONTECEU... ..	192
VALATA AZAMBUJA	196
ESTANTE CATARINENSE	200
O "HARMONIE - GESELLSCHAFT" ..	201

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 80,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 80,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 180,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — Reproduzimos neste número uma fotografia histórica: O vapor Blumenau ancorado junto à primitiva ponte sobre o ribeirão Garcia, por ocasião de uma das enchentes que assolaram Blumenau em princípios do século. Vêm-se, ao fundo, os prédios do Hotel Holetz e da primitiva construção mais tarde substituída pelo atual prédio Kieckbusch.

Intuição germanica inspirou a Independência do Brasil

Cladis L. P. Braga e Archibaldo Figueira, do Instituto de Pesquisas, Estudos e Assessoria do Congresso

Sete de Setembro de 1822. Às margens do Ipiranga, Dom Pedro de Alcântara lê as cartas que lhe chegam do Rio, uma delas — quiçá a mais importante — assinada por sua mulher Dona Maria Leopoldina Josefa Carolina, Arquiduquesa da Áustria, após conferência com José Bonifácio de Andrade e Silva. “Pedro, decide-te!” — estimula ela. “Laços fora, soldados!” — comanda ele. Estava feita a Independência do Brasil.

Dona Maria Leopoldina era filha do Imperador Francisco II da Alemanha (1792) e I da Áustria (1801), Rei da Hungria e da Boêmia, e de D. Maria Teresa Carolina Bourbon de Nápoles, bem como irmã de D. Maria Luísa, segunda esposa de Napoleão. A 13 de maio de 1817, data do aniversário do futuro sogro, D. João, casou-se por procuração em Viena com o Príncipe brasileiro. Ela, 20 anos de idade; ele, 19.

O casamento foi essencialmente político, ajuste típico na linha daquelas alianças matrimoniais com que as monarquias remanescentes do Absolutismo costumavam fortificar seus interesses. D. João, acuada pelas investidas do liberalismo em expansão, pensava em obter segurança apoiado em ligações matrimoniais com a Casa de Habsburgo. Pretendia, além do casamento de D. Pedro com D. Leopoldina, também o de sua filha Isabel com o herdeiro da Áustria, Príncipe Ferdinando. Não conseguiu ambos os intentos porque, mesmo quanto a D. Leopoldina, houve certa relutância por parte de Francisco II, a quem não agradava ver a filha partir para tão longe, e ainda para um país açoitado por surtos revolucionários.

A ligação, entretanto, interessava ao Primeiro Ministro Metternich, que a entendia como forma de retirar Portugal da influência inglesa, cada vez mais poderosa, ao mesmo tempo que fortaleceria o Brasil na reação ao movimento jacobinista.

A relutância de Francisco II quebrou-se, contudo, ante a promessa de breve retorno da Corte a Portugal, e as negociações foram iniciadas pelo Ministro português Rodrigo Navarro de Andrade, para serem finalizadas pelo Embaixador em Paris, Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho, Marquês de Marialva, com o pedido de casamento a 17 de fevereiro de 1817.

Marialva recebeu as ordens de D. João com grande honra, considerando a missão coroamento de sua carreira diplomática. E, para tanto, conta Paulo Setúbal (I), “gastou como um rajá”. A entrada de Marialva em Viena fez época. Até aquele dia não se vira, naquela nação. Embaixada mais luxuosa. À entrada da cidade vinham, à frente, 17 carruagens, tiradas a seis, escudeiros de lado a lado, **librés** bordados a ouro, com os príncipes e magnatas da Corte Imperial Austríaca; mais atrás, 77 homens — pagens e criados cintilantes, montados em cavalos árabes negros, com arreios de prata e telizes de veludo com largas bordaduras de ouro. Em seguida, dois cochos dourados, com as armas imperiais da Áustria. Num deles, o Embaixador Extraordinário, acompanhado do Estribeiro-Mor da Casa Imperial, representando Francisco II; no outro, o Secretário da Embaixada, acompanhado de um camarista do Imperador. Finalmente, vazias e graves, as berlindas nas quais o Marquês de Marialva viajara, puxadas por seis cavalos castanhos arreios de prata, e outros seis, brancos, com arreios de ouro. Em cada uma, cocheiros e dois auxiliares; a pé, 14 soldados.

Marialva alojou-se na Embaixada de Portugal. No outro dia, com protocolos severíssimos, solene e teatral, suplicou a Francisco II, em nome de D. João, a mão da Arquiduquesa. O Imperador ouviu. Depois, com singeleza, responde, do alto do trono, que tem glória e honra em conceder a mão de sua filha ao filho do Primo e Rei.

D. Maria Leopoldina fora criada na Corte mais exigente da Europa, com fortes estudos de botânica e a sensibilidade à flor da pele, “pele muito alva de loura mulher marcada pelos estigmas da velha dinastia. Olhos azuis, face austríaca (lembrando, pelo prognatismo inferior, persistente nos dois ramos da família, o castelhano e o vienense, as tosoas Infantas de Velasquez), sem beleza, pior, habituada a desdenhá-la, preferindo aos elegantes vestidos o traje masculino de amazona, dificilmente seria compreendida pelo marido na pletera da adolescência e da fantasia” — considera Pedro Calmon (2).

As oito da noite de 13 de maio, realizou-se o casamento na Capela do Palácio Imperial, com o Arquiduque Carlos representando o noivo. Depois, o baile oferecido por Marialva, que para ele não se contentou em gastar os polpudos recursos enviados por D. João; “dissipou nessa festa toda a herança que herdara do pai”, mandando construir pavilhões riquíssimos nos jardins de Rutgarten, com tapeçarias antiquíssimas, **gobelins** raros, assinados por Lebrun; cobriu-os de sedas e de damascos, com lustros de cristal, quadros e mármore”. Às 11 horas, foi servida a ceia. Marialva sentou-se com os Imperadores à mesa da Família Real. Havia 40 talheres. E toda a baixela desse serviço, gravada com as armas dos Marialvas, era de ouro maciço. Os demais convivas espalharam-se em pequenas mesas. Foram todos — e eram mais de mil — servidos em baixelas de prata. Os Imperadores retiraram-se às duas, mas o baile foi até ao amanhecer. Custou mais de um milhão de florins, mas Marialva, num gesto muito seu, no dia seguinte ofereceu

aos pobres de Viena os pavilhões com todas as maravilhas que lá havia. Não retirou deles uma única alfaia (3).

No Brasil, o noivado teve a maior repercussão. Dom João decretou gala na Corte, deu beija-mão ao corpo diplomático, mandou embandeirar as fortalezas, dar salvas, repicar os sinos, fazer um foguetório. À noite, no Teatro São João, houve espetáculo de honra, ao qual compareceu em pessoa. A notícia do casamento chegou depois, trazida pelo Mordomo-Mor de Francisco II, o Conde de Wr̄bna, que chegou de Falmouth num navio inglês.

Dias após o casamento, num coche dourado, D. Leopoldina partiu para Livorno, onde a aguardavam as naus de D. João VI para trazê-la ao Brasil. Sua comitiva era austera, integrando-a sobretudo naturalistas recrutados pelo Imperador Francisco II e pelo Rei da Baviera: Martius e Spix, Naterer, Pohl, Raddi, Mikan, Buchberger, e o desenhista Thomas Ender. A partida foi retardada, contudo, pela Revolução Pernambucana, e ela só aportou ao Rio de Janeiro a 5 de novembro, sendo recebida pelo Regente, D. Carlota e D. Pedro.

A Arquiduquesa, ao aceitar casar-se com D. Pedro, foi informada de que ele era apaixonado pela música e da existência de verdadeira melomania na família. Assim, aferrou-se ao estudo dessa disciplina, recebendo lições de Joseph Haydn, e trazendo em sua comitiva o músico austríaco Erdmann Neuparth. Anos depois, dizia do marido, em carta a Francisco II: "Mando-vos nesta ocasião uma missa cantada de Neukomm, que, como súdito austríaco e discípulo de Haydn, merecerá sem dúvidas as vossas boas graças e além disto contém duas fugas, que todos sabemos, muito gostais. O meu marido é compositor, também, e faz-vos presente de uma sinfonia e Te-Deum, compostos por ele; na verdade são um pouco teatrais, o que é culpa do seu professor, mas o que posso assegurar é que ele próprio os compôs sem auxílio de ninguém".

Relata Alcides Bezerra que, "depois das seis horas, se havia espetáculo, D. Pedro e D. Leopoldina iam ao teatro, ou recebiam amigos íntimos no Palácio de São Cristóvão. Fazia-se um pouco de música. O Imperador, que tinha pendores musicais, acompanhava a esposa ao piano, tocando flauta.

É de se perguntar: não houvesse D. Leopoldina cultivado esse hábito, teria D. Pedro bradado pela Independência e, logo após, composto o seu Hino?

NOTAS

- 1 — Peregrino, Umberto — **Os Próceres da Independência in História da Independência do Brasil** — Casa do Livro, Rio, 1972.
- 2 — Setúbal, Paulo — **As Maluquices do Imperador**, Clube do Livro, São Paulo, 1947.
- 3 — Calmon, Pedro — **Dom Pedro in História da Independência do Brasil**.
- 4 — Setúbal, Paulo, Op. cit.

Subsídios à Crônica de Blumenau

NOTAS LOCAIS

(Excertos do "Blumenauer Zeitung" por FREDERICO KILIAN)

1901 — N.º 5 de 2 de fevereiro — O recenseamento realizado em 1.º de Janeiro, constatou residir em Belchior um morador que conta com 108 anos de idade e viveu em 3 séculos, isto é, de 1792 a 1900, tendo uma filha de 86 anos e um filho de 84 anos de idade. E o mesmo jornal, em sua edição de 4 de Maio, noticia o falecimento, em Barração, de João Raimundo da Silva, com a idade de 103 anos, deixando entre filhos, netos e bisnetos 153 descendentes.

1901 — N.º 8 — 23 de fevereiro — Bugres. No dia 9 de fevereiro a esposa do colono Carl Rinnert, residente no Rio do Sul, foi morta pelos bugres que depois saquearam a casa, esvaziando-a completamente. O Pastor Ziegel fez um apelo à comunidade, solicitando auxiliar o colono que, além de perder a esposa, sua companheira de trabalho, viu-se despojado de todos os seus bens, afim de que ele pudesse adquirir roupas e ferramentas para reiniciar o seu trabalho na roça.

O mesmo jornal, em seu número 13 relata que no mês de março os bugres atacaram uma tropa que regressava à região serrana, mas que não houve vítimas, pois uma escolta acompanhava a tropa pela região perigosa.

N.º 20 de 18 de Maio. — **Visita do Governador Dr. Felipe Schmidt.** Sobre esta visita o jornal, na edição acima citada traz um extenso relato, do qual extraímos as partes mais importantes: — No dia 13 de Maio, vindo de Jaraguá, o Governador Dr. Felipe Schmidt, em companhia do seu Oficial de Gabinete Sr. Emilio Blum e mais o ajudante de ordens e pequena comitiva, foi recepcionado pela população de Itoupava, na escola "Itoupava Alta", pelos senhores Francisco da Cunha Silveira e Leopoldo Zimmermann, escolares com seu professor Emilio Kunze e o presidente da Comunidade Escolar, Sr. W. Sievert, sendo saudado em pequeno discurso pelo professor Kunze, recebendo flores dos alunos. Visitou a escola e suas dependências sendo apresentado ao presidente Sr. Sievert. Daí foram a pé à casa do Sr. Schrauth, acompanhado ainda pelos alunos da escola que jogavam flores no caminho. Na sede da Sociedade de Atiradores "Itoupava Alta" uma deputação desta sociedade, sob as ordens de seu comandante o aguardava com a sua bandeira e em ordem unida. Dali seguiram em marcha, com os atiradores e bandeira à frente até o Salão Schrauth. No trajeto, em frente à casa comercial de Nicolau Jensen, estava postada a banda de música do professor Reinhold Graupner. Puxado pela

dita banda prosseguiu o préstito até ao salão Schrauth onde uma massa popular aguardava o Sr. Governador e onde também o aguardava o Superintendente Sr. Bonifácio Cunha. Recepcionado ao espoucar de foguetes e incessantes vivas, foi saudado pelo Superintendente Cunha e introduzido no salão. Aqui demorou-se cerca de duas horas sendo-lhe oferecido um almoço. Para este almoço, o Sr. Governador convidou os professores Kunze e Graupner, e o presidente da Comunidade Escolar "Itoupava Alta", Sr. W. Sievert, como também o presidente e comandante da Sociedade de Atiradores de "Itoupava Alta" Srs. Riehs e F. Hein, tendo o almoço decorrido na maior cordialidade, conversando o Sr. Governador com todos os comensais. O Dr. Bonifácio Cunha levantou um brinde ao Sr. Governador, tendo este retribuído o brinde, granjeando em curto espaço a simpatia de todos. Às 14 horas, o ilustre visitante despediu-se do Sr. Schrauth e partiu com destino a Blumenau, resolvendo todos os presentes a acompanhá-lo até à casa do Sr. Schipmann, onde grande número de moradores o aguardava e que o cumprimentou com igual entusiasmo e alegria com que fora antes recepcionado. Aos brados de vivas foi acolhido na casa do Sr. Schipmann onde conversou cerca de uma hora com os Srs. Schipmann e Schrauth, elogiando em especial a banda de música do Sr. Graupner. Pouco antes de seguir viagem ainda incumbiu ao professor Kunze para expressar aos presentes a sua gratidão pela recepção e manifestações. Sob vivas e uma salva de honra da Sociedade de Atiradores deixou Itoupava, da qual certamente levara ótima impressão.

No ponto da balsa em Itoupava-Seca, à margem esquerda do Rio Itajaí, diante da casa, festivamente ornada, do Sr. Volkert, aguardavam o Governador, os alunos da escola do Sr. Kauth e a banda de música do Sr. Lingner, sendo o Governador cumprimentado em português impecável por uma aluna da referida escola que em nome de suas colegas lhe entregou um bouquet de flores, ao que o Governador agradeceu comovido. Após o Sr. fotógrafo Seeliger ter batido uma fotografia, o préstito, puxado pela banda musical do Sr. Lingner, atravessou o rio com a balsa. A espoucar de foguetes e vivas, o Sr. Frederico von Ockel cumprimentou o Governador, terminando com um viva que foi acompanhado pela multidão que aguardava o visitante naquele local.

Respondendo, o Governador agradeceu às manifestações que lhe foram prestadas nos diferentes pontos do Município. Disse que já há muitos anos havia visitado Blumenau uma vez, quando a colônia ainda estava em fase de desenvolvimento, encontrando agora Blumenau em outras condições — do moço de então se desenvolvera a um varão forte e rijo, notando ele em toda a linha as consequências da inteligência e trabalho, pelo que apresentava seu viva ao Município de Blumenau e sua laboriosa e inteligente população. — Daí tomaram os carros que estavam postados na rua principal e dirigiram-se ao "Hotel Willy". — No trajeto o Governador ainda foi saudado pelos alunos da

escola do Sr. Hertel, onde um aluno deu um viva ao Governador, acompanhado pelos demais. Nas imediações da ponte do Ribeirão da Velha, em frente a casa, festivamente ornamentada, do Sr. Hermann Ruediger, estavam postados com suas bandeiras a Sociedade "Gemuetlichkeit" e o "Club Republicano", enquanto que a Sociedade "Harmonie" estava com sua bandeira no salão do Sr. Ruediger. Aos brados de viva, o povo que ali esperava o Governador, acompanhou o visitante e sua comitiva ao "Hotel Willy" onde outra multidão o aguardava e onde também se achavam postados os alunos da "Escola Nova", sendo o Governador saudado pelo Pastor Faulhaber que terminou seu discurso com um viva ao Dr. Schmidt e a pátria brasileira. Em eloqüentes palavras o Governador agradeceu a recepção sendo ainda cumprimentado pela primeira escola pública sob a regência da Srta. Freygang, cujos alunos apresentaram bouquês de flores, que foram tantas que cobriram 2 mesas do hotel. À entrada do hotel, o Dr. Bonifácio Cunha, na qualidade de Superintendente saudou o Governador em nome do Governo Municipal. Em breves palavras o Governador respondeu agradecendo a saudação prestada pelo Superintendente, adentrando no Hotel, onde houve as apresentações do estílo, enquanto a banda musical do maestro Werner executada vários números de seu repertório defronte do hotel.

Dia seguinte o Sr. Governador fez um passeio de carro pelas ruas de Blumenau, visitando o Colégio Santo Antônio, o Colégio das Irmãs, alguns estabelecimentos industriais, entre estes a tecelagem do Sr. Roeder, na Garcia. Durante o dia o bom tempo foi interrompido por uma forte chuva, mas mesmo assim realizou-se a marcha "aux flambeaux", na qual só poucas pessoas deixaram de comparecer. À noite houve bailes na Sociedade de Atiradores e no salão do "Teatro Frohsinn", ambos bem concorridos.

Quarta-feira o Sr. Governador visitou a "Escola Nova" assistindo algumas aulas ministradas sob orientação do Pastor Faulhaber e seu corpo docente, após o que visitou ainda a escola pública regida pela professora Srta. Freygang, o Hospital, a Indústria Gropp, o consulado alemão. Realizou ainda visita ao Comissariado de Terras e alguns próceres políticos locais. À noite o Sr. Carl Schneider e seus filhos, formando um harmonioso grupo musical, fizeram uma serenata ao Sr. Governador que sensibilizado agradeceu esta demonstração de simpatia e apreço.

Quinta-feira o Sr. Governador viajou via Indaial e Timbó, localidades onde lhe foram prestadas significativas homenagens, a Rio dos Cedros, para visitar a estação agrônômica do Sr. Dr. Rossi, ficando vivamente impressionado pelo que lhe foi mostrado naquele modelar estabelecimento de ensino agrícola.

Sexta-feira visitou a Câmara Municipal, a Coletoria e fez ainda

uma visita à redação do "Blumenauer Zeitung", recebendo ainda, no hotel, a visita de diversas personalidades locais e políticas do município. Sábado viajou o Sr. Governador, via Brusque a Florianópolis.

Nº. 22 — 1º. de Junho: **Telefone.** A estação telefônica de Pouso Redondo foi ativada e liberada ao público, tanto para ligações para Lages como para Blumenau. Caso a Cia. de Navegação Fluvial e o comércio local contribuírem, poderá ser instalada uma estação em Gaspar. O horário para ligações para Indaial foi fixado, haverá ligação de duas em duas horas .

Naufrágio: O patacho "Joanna" que havia entrado no porto de Itajaí para reparos e reabastecimento, ao ser rebocado para fora da barra pelo rebocador "Jan", teve o cabo arrebitado e encalhou nas pedras, afundando dentro de algumas horas.

1901 — Nº. 25 de 22 de Junho: **Intoxicação:** No sul do Estado, após terem se alimentado com mariscos, grande parte da população apresentou sinais de intoxicação, tendo se dado vários casos fatais. Em Garopaba, duas crianças morreram; Na Laguna, adoeceram 24 pessoas. Em Imbituba, quase a totalidade da população ficou doente, da mesma forma em Itapirobá. Em Garopaba, o número de vítimas fatais aumentou para vinte; em Ganchos morreram 4 pessoas no dia 7 de junho. De Santa Cruz e Armação comunicam de casos de intoxicação. Parece que toda a costa catarinense está infectada. Em Rio Vermelho, uma mulher e seus quatro filhos morreram dentro de algumas horas, após terem comido mariscos. Animais domésticos aos quais foram dados mariscos também morreram.

Carta de uma leitora

Dona Christina Dotta, nossa assídua leitora residente à rua São Paulo, 1455, na cidade de São Caetano do Sul, São Paulo, escreve:

"Senhor diretor,

Venho por meio desta, parabenizá-los mais uma vez pela excelente revista que é "Blumenau em Cadernos". Gosto das reportagens, que são ótimas; espero que continuem a publicar a secção "Aconteceu", pois é o único meio que tenho para saber o que acontece na região".

N. da R. — Esteja tranqüila, Dona Christina. A secção "Aconteceu" estará sempre presente nas edições da nossa revista. - Gratos,

Fatos históricos sobre abastecimento de água

A partir do presente número, "Blumenau em Cadernos" conta com mais um valioso colaborador. Trata-se do Sr. Reinoldo Althoff, profundo conhecedor da história das primeiras redes de água em nossa cidade e em Lages, cujo trabalho será publicado em diversos capítulos. Agradecemos a colaboração, esperando que outros colaboradores apareçam para tornar ainda mais expressivo o objetivo para o qual existe a nossa revista. Passamos, pois, ao trabalho acima referido:

"Histórico sobre o abastecimento de água de Lages e Blumenau

REINOLDO ALTHOFF

CAPÍTULO I

Posição sanitária do Estado e providências

Santa Catarina, pelos anos de 1932 a 1940, era um foco de doenças contagiosas. Tomava a dianteira a infecção intestinal e a verminose.

A incidência da febre tifóide era de arrepiar, preocupando seriamente os setores de saúde pública. Os hospitais não possuíam isolamentos que pudessem suprir a demanda de leitos para internar os doentes das cidades e também do interior, atingidos por doenças infecciosas.

As cidades mais em evidência eram Lages, Blumenau e Joinville.

A educação sanitária e a falta de higiene, davam razões a contaminações em cadeia, numa extensão ilimitada. As instalações sanitárias nessas cidades eram precaríssimas, deixando mesmo muito a desejar.

Em Lages, por exemplo, as famílias mais abastadas do centro da cidade, pagavam determinado imposto, e a Prefeitura encarregava-se de fornecer cubos de madeira ou de ferro, em forma de barriquinhas de 0,25m de diâmetro por 0,75m de altura, que eram colocados em uma casinha de madeira por baixo de um assento em forma de banco, com um buraco de 30 centímetros de diâmetro ao centro, com tampa. A finalidade do cubo era armazenar os excrementos fisiológi-

cos, até que a Prefeitura, em determinados dias, através de operários, trocasse o servido por um cubo limpo. Os usados eram transportados por uma carreta de construção adequada, puxada por burros, até o rio Caveiras, onde eram lavados, sem o menor escrúpulo, à mão. Diariamente, contaminavam o rio, que a jusante ia servir às populações ribeirinhas de imaginária "água potável".

Os cubos assim lavados, eram recambiados sem a mínima desinfecção às casinhas, sem distinção de localização. As casinhas, pelos mais viajados, era dado o apelido de "patente", desafiando o "alto conforto". As famílias de menores recursos, que não se podiam dar ao luxo dos cubos, cavavam fossas no solo, rodeada de uma casinha. Uma série de sarrafos entrefrestados sobre a fossa, serviam para o individuo executar de cócoras as suas necessidades fisiológicas.

Como 70% dos solos da cidade são altamente absorventes, verificava-se ali um novo foco de contaminação. Geralmente, o poço que abastecia água para uso doméstico, com 6 a 7 metros de profundidade, tornava-se o recipiente da matéria fecal em decomposição, logo, manancial proliferado de germens.

Os poços, geralmente, como as latrinas, ficavam à pequena distância um dos outros no fundo do quintal, provocando uma verdadeira calamidade infecciosa.

Em Blumenau, também se dava a contaminação por aproximação de privadas e poços em terrenos porosos nas zonas baixas da cidade.

As pessoas mais favorecidas da margem direita do rio Itajaí-Açu, instalavam as suas bombas manobloc elétricas de 3/4 de polegada na beira do rio e abasteciam com "água in natura", as caixas de 100 e 500 litros.

Suntuosamente distribuía água canalizada para a cozinha, lavanderia e banheiro. Logo em seguida devolviam ao rio toda a água servida, da qual o vizinho de baixo se servia novamente sem se dar conta do perigo que estava auferindo a sua saúde e a saúde de sua família.

Assim, a própria população propagava e contribuía para a poluição das águas, que de modo geral se supunham potáveis.

Nas três cidades já mencionadas, a incidência da febre tifóide chegou ao absurdo de centenas de casos permanentes, carentes de tratamento adequado, que na época também era precaríssimo.

As autoridades e instituições particulares sanitárias enfrentavam com verdadeiro pavor e heroísmo a calamidade, sem meios técnicos e humanos de a superar.

Diante deste estado cruciante dos acontecimentos, consultados os Setores de Saúde Pública do Estado, o interventor Dr. Nereu Ramos, através do Departamento das Municipalidades, fundou as primeiras unidades de Centro de Saúde.

Foram contempladas as três cidades mais necessitadas de Serviços Sanitários: Blumenau, Joinville e Lages.

Blumenau, teve como seu primeiro titular o Dr. Abelardo Viana. Em Lages, foi seu primeiro diretor o Dr. Joaquim Pinto de Aruda.

Enquanto se tomavam as primeiras providências de localização e construção dos edifícios que iriam abrigar as ditas repartições, os titulares foram designados para freqüentar em São Paulo um curso especializado de medicina sanitária. Fez parte desta equipè o médico Dr. Afonso Rabe, que entre outros méritos dirigiu com espírito de abnegação e humanidade por muitos anos o Hospital Municipal, em sua primeira fase de vida, tendo, até antes de assumir tal cargo, ocupado as funções de Prefeito Municipal de Blumenau.

De volta do curso realizado em São Paulo, começaram a surgir drásticas providências, visando pôr termo a este estado de coisas. A água de que se serviam as populações, foi logo apontada como causadora das endemias correntes.

Por sugestão dos médicos, foram contratados engenheiros sanitaristas do Departamento de Água e Esgoto de São Paulo, para que desenvolvessem projetos visando a instalação de água tratada para Lages, Blumenau e Joinville.

CAPÍTULO II

Abastecimento de água em Lages

O primeiro projeto recaiu para Lages, onde mais se pronunciavam as endemias e, cidade natal do interventor Dr. Nereu de Oliveira Ramos.

Para a execução deste primeiro projeto, foi escolhido o engenheiro sanitarista Dr. Isaias de Mello, paulista altamente gabaritado e com muito tirocínio na execução de cálculos de concreto, que naquele tempo ainda engatinhavam aqui no Estado. O engenheiro Isaias de Mello, mais tarde fez parte da equipe pioneira de engenheiros na construção de Brasília. Apelidado de "Paulista", pelo próprio Presidente Juscelino Kubitschek, assessoreou vários serviços de alta responsabilidade. Hoje, mora em Brasília, em sua propriedade, ainda se dedicando a cálculos de concreto para seus filhos também engenheiros. Uma vasta folha de serviços prestados à Nação, o colocam no meio dos que sempre acreditaram e ainda acreditam com fé inabalável num Brasil brasileiro.

Sem dúvida, Santa Catarina deve gratidão a este homem pelos bons serviços prestados à estas comunas.

Naquela época, Lages, em minha estimativa, devia ter uma população de 6 a 7 mil almas. O projeto previa uma estação de tratamen-

to de 37 litros por segundo, ou sejam, 3.200.000 litros por dia, quantidade suficiente para abastecer até 15.000 habitantes.

A água era recalçada do rio Caveiras para a Estação de tratamento ao pé do Morro Grande, por dois conjuntos de motor e bomba centrífugas.

O Reservatório de distribuição ficava logo abaixo, hermeticamente fechado, com a capacidade de 500.000 litros. O terreno havia sido nivelado, com remoção de grande quantidade de pedras, constituindo, assim, uma sola segura para resistência da construção.

Dali, por tubulação pronta, bolsa de ferro fundido e junta chumbada com diâmetro máximo de 30cm, a água se ramificava em todas as direções da cidade. Foi motivo de grande júbilo para toda a população, poder usufruir o benefício da água encanada, em todos os domicílios, com fartura e qualidade.

Tão logo se construiu uma casa de alvenaria com todos os requisitos para residência do operador da E.T.A.. Em fase de construção, a casa serviu para depósito de ferramentas, peças pequenas e utensílios, inclusive uma boa quantidade de cânhamo a granel. À certa altura, se percebeu que o cânhamo trazia verdadeiros enxames de percevejos que procriavam e se proliferavam em tudo o que era de madeira, assoalho, forro, janelas, montantes e portas. Foi uma dificuldade acabar com os mesmos, à força de querosene, pois ainda se desconheciam os meios modernos de inseticidas.

Consta que todo o serviço de abastecimento de água de Lages custou ao erário público estadual a elevada quantia de um milhão e duzentos mil cruzeiros financiados pela Caixa Econômica Federal pelo prazo de 15 anos.

Foi uma obra de grande relêvo, pela qual o Município de Lages jamais poderia, naquela época, se responsabilizar financeiramente.

Coube a Menotti Borges, a direção da Estação de Tratamento, depois de um curso de especialização em São Paulo.

Os benefícios sanitários fizeram se sentir imediatamente. Financeiramente, os reflexos foram vultosos, principalmente na valorização das propriedades urbanas. Indiretamente, quem mais lucrou foi a própria cidade de Lages que pôde reajustar o seu orçamento e em consequência, aplicar com mais profusão a sua própria renda aumentada.

O aumento da população se fez sentir tanto que, já antes de 1950, o volume de água já não satisfazia mais. Para dobrar o volume, se fez mister a construção de mais dois decantadores e mais quatro unidades de filtro.

O fenômeno de desenvolvimento da cidade se agravou e, pelo ano de 1968, foi inaugurada pela "CASAN" um novo abastecimento de água com 240 litros por segundo, portanto mais de 18.000.000 de litros por 24 horas. Daí pode-se avaliar o benefício que é para uma comuna, a fartura de água tratada.

(continua no próximo número)

O TEATRO EM BLUMENAU - VIII

Edith Kormann

16-6-1957 — “Pluft o Fantasminha”

14-8-1958 — “Jedermann”

26-12-1958 — “Parkstrasse 13”

25-7-1961 — “O Imigrante” obra dramático-musical em 3 atos de autoria do maestro Heinz Geyer.

9-6-1962 — “Der Lampenschirm”

25-7-1962 — “Dr. Blumenau” (peça de Gertrud Gross)

8-8-1964 — “Krach und Jolanthe”

5 e 6 de novembro de 1965 “Viva o Ministro” autoria do maestro Heinz Geyer.

9-7-1966 — “Der Keuche Lebemann”

25 e 26 de novembro de 1966 — “Grande Marido” (1º. lugar Festival de Teatro Amador de Santa Catarina, realizado em Criciúma).

16 e 18 de junho de 1967 — “Die Spanische Fliege”

2-11-1969 — “Cupim” (participou do Festival realizado em Joinville, no período de 17 à 22 de dezembro de 1969).

Além das encenações no Teatro “Carlos Gomes”, alguns desses espetáculos foram apresentados em vários municípios catarinenses, ultrapassando, inclusive, nossas fronteiras. O Terceiro Festival de Teatro Amador de Santa Catarina, realizado em Criciúma, deu ao “nosso” Grupo Teatral o primeiro lugar com a peça “Grande Marido”. Com esta vitória, o Grupo trouxe para Blumenau o Quarto Festival de Teatro Amador que foi realizado no período de 8 à 30 de setembro de 1968, sendo considerado o Festival de maior sucesso já realizado em Blumenau. Apesar de ter sido realizado nas dependências do Teatro “Carlos Gomes” a Sociedade não se responsabilizou pelo Festival, e o mesmo foi coordenado pela professora Edith Kormann, auxiliada pelo Sr. Bonifácio M. Espíndola, designados pela Diretoria da Sociedade. Além das atividades artísticas e culturais realizadas por integrantes da Sociedade Dramático-Musical “Carlos Gomes” (orquestra, coral, teatro, “ballet”, Conservatório de Música, yoga, escultura, pintura, exposições, etc.), também foram apresentados espetáculos com artistas de renome nacional e internacional (Cacilda Becker, Procópio Ferreira, Maria della Costa, Paulo Autran, Cossacos do Don, Henry Jolles, Orquestra de Câmara de Munich, Quarteto de Cordas Húngaros, Tatiana Leskova, Cleg Briansky, Mário Brasini, Maria Sá Earp, Manrico Patassini, Kalanag, Meninos Cantores de Viena, Deutschen Kammerspiele e outros). Entre personalidades ilustres que visitaram “nosso” Teatro: Dr. Getúlio Vargas, Dr. Nereu Ramos, Maestro Vila Lobos, Lincoln Gordon (Embaixador dos Estados Unidos), Dr. Gerhard Scelos (Embaixador da República Federal da Alemanha).

Dirigentes da nossa Sociedade Dramático-Musical desde sua Fundação: a sociedade teatral e dos cantores funcionaram até 1870 no prédio da Sociedade dos Atiradores de Blumenau, fundada em 2 de

dezembro de 1859, sendo seu 1º. presidente do Sr. Wilhelm Friedenreich. A Sociedade Teatral fundada em 24 de junho de 1860, em 1885 adotou o nome de Sociedade Teatral "Frohsinn", sendo o Sr. Gustav Salinger o 1º. presidente eleito. Em 1917 foi eleito presidente, o Sr. Augusto Zittlow.

No dia 30 de maio de 1936 a Sociedade Teatral "Frohsinn" incorporou a Sociedade Musical "Liederkranz", estruturando-se sob o nome de "Sociedade Dramático-Musical "Frohsinn" sendo eleito presidente o Sr. Curt Hering que dirigiu a Sociedade no período de 16-8-1936 até 17 de maio de 1942.

No dia 12-2-1939 a Sociedade Dramático-Musical "Frohsinn" reestruturou-se sob a denominação de Sociedade Dramático-Musical "Carlos Gomes". No período de 17-5-1942 (data em que renunciou a presidência, o Sr. Curt Hering até 7-10-1945 a Sociedade foi dirigida por um triunvirato integrado pelos senhores: Dr. José Ribeiro de Carvalho, João Gomes da Nóbrega e Curt Hering. A partir dessa data exerceram o cargo de presidente da Sociedade, pela ordem, os senhores: Dr. José Ribeiro de Carvalho: 13-10-1945 até 18-4-1950; Leopoldo Collin: 18-4-1950 até 15-5-1956; Willy Sievert: 16-5-1956 até 17.4.1962; Wilmar B. da Luz: 17-4-1962 até 4-4-1964; José Ferreira da Silva: 4-4-1964 até 1º.-01-1969; Dieter Hering: 2-1-1969 atualmente em exercício.

A Sociedade tem personalidade jurídica e seus primeiros estatutos foram aprovados em 7 de abril de 1946. Foram reformados em 26-4-1951; em 16-4-1956 e 13 de fevereiro de 1969. Os atuais estatutos estão registrados no Livro A-7; fls. 138 V.; nº. 642 com data de 13-2-1969, no Cartório do Registro de Títulos e Documentos de Getúlio Vieira Braga. Está registrado no Cartório de Roberto Baier (Registro de Imóveis) — 1º. ofício — fls. 187; livro 3-L; nº. 11.080.

Lei de Utilidade Pública Municipal: nº. 888 de 31-5-1959;

Lei de Utilidade Pública Estadual: nº. 2728 de 16-6-1961;

Lei de Utilidade Pública Federal: nº. 70602 de 23.5.1972;

Registro no Conselho Estadual de Cultura: nº. 01/69;

Registro no Conselho Nacional do Serviço Social: nº. 276759/69;

Registro no CGCMF: nº. 82653403/001-02;

Isenta do Imposto de Renda: DRF - nº. 4840/69;

Inscrição no INPS: 2002400988/29.

Os dados referentes ao presente trabalho foram extraídos de velhos manuscritos, alguns quase ilegíveis, devido a ação do tempo. Acreditamos, que vários associados se encarregavam das anotações, dedução esta, em face de aparecerem nomes sem o pronome ou somente com a letra inicial.

Encerramos o nosso histórico, dentro do Teatro "Carlos Gomes", em fins de 1969, no momento em que os associados que integravam as várias manifestações artísticas, tolhidos em seu trabalho dentro do "nosso" teatro, passaram a atuar no Centro Cultural 25 de julho, levando a arte e a cultura da nossa gente para os lugares mais distantes, inclusive o exterior.

A Literatura em Santa Catarina

Sob o título acima, o jornal "GAZETA DE CANOINHAS" publicou, na edição do dia 10.6.79, a seguinte nota:

"IMPRESSÕES COLHIDAS PELO CAMINHO..."

Enéas Athanázio

"A Editora Lunardelli acaba de lançar "A Literatura de Santa Catarina", de autoria do Prof. Celestino Sachet. É uma obra que se constitui num marco das letras catarinenses, pois é a primeira vez que se tenta englobar num só volume, de maneira completa e sistemática, um panorama geral de autores coestaduanos e suas obras. Trabalho de vasta pesquisa e paciente organização, revela o grande conhecimento do seu autor a respeito da literatura que se desenvolve em nosso Estado. Procurando ser o mais completo possível, o volume indica os escritores das diversas fases, fornece os dados biográficos essenciais e transcreve juízos críticos a respeito da obra de cada um deles. Um trabalho exaustivo, sem dúvida, mas cujo resultado vem preencher uma lacuna existente. É um livro indispensável a quantos desejam bem conhecer Santa Catarina, em especial aos professores e estudantes. E, além disso, doravante não se poderá efetuar novo ensaio no setor sem que ele mereça detida atenção.

Catarinenses em destaque:

MAURA DE SENNA PEREIRA, conhecida poetisa, nossa embaixatriz no Rio, surge com "A Driade e os Dardos", volume de poesias lançado pela Livraria São José. Reune poemas que só fazem reforçar a sua sensibilidade e o justo conceito de que desfruta. Livro rico de sentimento e que merece a atenção dos amantes da boa poesia.

JOSÉ GONÇALVES, Diretor da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e conhecido ensaísta, publica pela Lunardelli o volume "Dico, o sertanejo herói". É uma narrativa histórica de leitura amena, num estilo límpido e direto, revelando a imensa ternura com que o autor procura reviver os passos de um personagem muito querido. Um livro que, na sua simplicidade, atinge momentos de rara grandeza. Nesta brevíssima nota fica nossa intenção de retornar para um exame mais amplo.

MARCOS KONDER REIS, também pela Lunardelli, aparece com "O Irmão da Estrada", volume que contém poemas e textos de grande intensidade poética. Embora não o conheça em pessoa, sua poesia parece retratar a figura humana cujo retrato falado é feito com carinho pela multidão de amigos embevecidos que tem por aí. Leio e re-

leio seus poemas e, pelo que sei, são inúmeros os que também o fazem.

JOÃO LEONIR DALL'ALBA, ainda pela Lunardelli, publica "Laguna antes de 1880". Volume que apresenta documentos históricos de grande valor para um perfeito conhecimento dos fatos como eles realmente ocorreram. É um trabalho esmerado, levado a efeito com a preocupação de ser exato, recheado de informações úteis, coisas curiosas e fatos interessantes. Como dizia o meu sábio amigo Hélio Bruma, "benditos sejam os livros interessantes". Mormente, acrescento eu, quando logram continuar interessantes ao tratarem de vetustos temas. Merece leitura e se constitui em importante contribuição".

Dois registros auspiciosos em Petrópolis

O dia 29 de junho último registrou a passagem do 134º aniversário da colonização germânica de Petrópolis, assim como os 20 anos de existência do Clube 29 de Junho. Um belo programa foi elaborado para registrar festivamente o acontecimento, incluindo a homenagem "in-memoriam" aos fundadores e primeiros diretores do Clube, Srs. Dr. Guilherme Auler, Dr. Brasílio Bretz, Pedro Hees e Walter Bechtluft. As felicitações de "Blumenau em Cadernos" pelo significativo evento, assim como os agradecimentos da direção da Fundação "Casa Dr. Blumenau", pela honra do convite com que foi distinguida para participar das festividades do acontecimento tão importante na história da admirável cidade petropolitana.

Doações de peças que enriquecem nosso Museu

O Museu da Família Colonial foi enriquecido em princípios deste mês de julho, com doações de peças antigas efetuadas pelos diretores da Casa Kieckbusch, conceituada e tradicional organização comercial de nossa cidade. Registrando o fato, o fazemos com alegria, expressando os nossos agradecimentos pela oferta que veio enriquecer o acervo do Museu, em cujo catálogo já estão registradas mais de seiscentas peças. Eis as antiguidades que acabamos de receber: 1) — a primeira máquina elétrica de Blumenau para moer o café Moka, adquirida pela Casa Ernst Kieckbusch e que esteve em uso do ano de 1935 até fins de 1974. 2) — uma máquina manual para cortar frios importada pela Casa Ernst Kieckbusch no ano de 1936 e que esteve em uso até fins de 1956. 3) — Uma tesoura para cortar cabelo (máquina manual) vinda com a imigração da família Ernst Kieckbusch Senior, da Alemanha, no ano de 1924.

O que registrou, neste semestre, a Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Mueller"

Para que o leitor possa fazer uma avaliação aproximada dos resultados obtidos por nossa Biblioteca durante o primeiro semestre do corrente ano, damos, a seguir, alguns dados pelos quais poderá ser aquilatada a sua utilidade.

Como é do conhecimento geral, a Biblioteca permanece aberta, à disposição do público, durante 11 horas, diariamente, nos dias úteis, atendendo a consultas e empréstimos de livros, periódicos, revistas, etc..

Nas obras classificadas em "Generalidades e Ficção", atendemos a 2.267 consultas e 225 empréstimos; em "Filosofia — Questões Morais", 17 consultas e 211 empréstimos; em "Religião — Teologia", 59 consultas e 60 empréstimos; em "Ciências Sociais", 928 consultas e 96 empréstimos; em "Filologia — Lingüística", 126 consultas e 37 empréstimos; em "Ciências Puras", 1.945 consultas e 131 empréstimos; em "Ciências Aplicadas", 468 consultas e 114 empréstimos; em "Belas Artes", 107 consultas e 109 empréstimos; em "Literatura", 140 consultas e 3.123 empréstimos; em "História e Geografia", 2.887 consultas e 363 empréstimos, o que totaliza 8.944 consultas e 4.469 empréstimos.

Ainda durante o mesmo período foram registradas e catalogadas 1.461 novas obras que, juntas às 59.301 existentes no final de 1978, dão o total de 60.762, número esse que estão também incluídos os acervos do Arquivo Histórico e da Biblioteca Ambulante.

Foram recebidos, por doação, 1.513 volumes e inscritos 887 novos leitores.

Dedicando especial atenção a atualização da Biblioteca, no que se refere aos trabalhos de pesquisa, empregou, a Direção Executiva, neste semestre, a importância de Cr\$ 52.984,00 na aquisição de 354 novas obras, o que beneficiou sobremaneira o atendimento.

Uma copiadora XEROX, instalada no recinto da Biblioteca, fornece ao estudante cópias a preço de custo.

BIBLIOTECA AMBULANTE

Filiada à Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Mueller", iniciou a Biblioteca Ambulante as suas atividades em meados de 1977, servindo-se como até hoje, de um funcionário e uma kombi. Os resultados que vem obtendo são os mais animadores. Com um acervo de 1.297 volumes também catalogados e registrados, fez, neste semestre, 73 visitas às diversas localidades do interior do município, instalando-se em dependências de escolas municipais e estaduais, onde registrou 584 inscrições e atendeu 2.881 leitores com 674 consultas e 2.207 empréstimos.

Pelo resumo que fizemos, pode-se constatar que não faltou ao poder público municipal e à direção das duas bibliotecas o real empenho em atender, dentro do possível, as justas aspirações dos que procuram no livro um amigo sempre disponível. Resta-nos esperar do público leitor, uma correspondência cada vez mais ativa, o que reverterá em benefício próprio e em estímulo para todos nós.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia) publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

NOTÍCIA DE 27 DE JANEIRO DE 1866:

Dona Francisca. — Recebemos de nossos voluntários o seguinte relato:

"A bordo do vapor São Miguel, 2 de dezembro. — Antes de partir, prometi dar notícias sobre todos os acontecimentos de nossa vida, e assim começo hoje, embora o faça resumidamente.

No domingo, 26 de novembro, depois da parada e da benção de todos nós, cerca de 1.400 homens, embarcamos. No dia 28 o nosso navio levantou âncoras e lá fomos, pelo mar aberto, com mais 300 poloneses a bordo e como suplemento o enjôo. Às 9 horas da noite de 29, com bom tempo e viagem esplêndida, chegamos à altura do Rio Grande e a 30 de novembro, às 6 horas da manhã, passamos o limite do Brasil, a 1º de dezembro às 6 horas da manhã, o farol de Maldonado e às duas horas da tarde entramos no porto de Montevidéu. Às 4 horas da tarde fomos à terra, três oficiais brasileiros e quatro alemães. Que cidade fascinante, essa Montevidéu, toda construída em estilo oriental! Durante à noite toda, movimento intenso nas ruas, sob a profusa iluminação a gás, todas as casas comerciais em atividade, também as igrejas abertas, e quantas mulheres formosas! Quem poderá nos levar a mal, se aproveitamos à noite inteira, para ver o mais possível, para escutar e nos divertir — tudo, naturalmente, nos limites da decência.

Neste momento estou escrevendo estas poucas linhas em meu camarote, em balanço contínuo, ajoelhado em frente ao meu colchão, mas agora preciso terminar, pois o dever me chama. Amanhã seguiremos pelo La Plata até Corrientes.

16 de dezembro — Ainda continuamos navegando no La Plata, é um rio imponente, porém com inúmeros baixios e precisa ser navegado com grande cuidado, devido ao atual nível de água e por isso a viagem se prolonga. Encontramos no trajeto 11 navios de transporte encalhados e nós mesmos encalhamos 4 vezes, mas sempre nos safamos bem. Estamos levando um navio de guerra em reboque e nos encontramos a dois dias de viagem abaixo de Corrientes, se bem que esses dois dias poderão se transformar em quatro, pois o navio só pode fazer 15 léguas por dia e à noite não se navega. Neste momento o comandante está em terra, para adquirir carne, mas aqui, onde em outros tempos pastavam milhares de animais, quase não se encontra um único boi. Tudo saqueado! Mais para o sul era fácil encontrar o nosso sus-

tento, lá os campos infinitos estavam realmente “semeados” de gado de toda a espécie. As capivaras, assim como também outra caça abundante, são tão mansas, que esperam calmamente a aproximação do vapor. Já obtivemos ali muita caça saborosa.

Baurath faleceu! (1) — Está sepultado defronte da cidadezinha de La Paz, na margem direita do La Plata.

Neuschäfer ainda continua com febre, os outros estão bem. A nossa missão após a chegada a Corrientes, é servir de proteção a um navio de guerra. Deixaram à decisão dos oficiais alemães a escolha: ou seguiríamos com as tropas de terra ou ocuparíamos um navio de guerra, e nós preferimos o último. Parece, realmente, mais perigoso ficar exposto ao fogo das baterias num navio, mas a marcha em terra, com a incômoda e pesada bagagem às costas, através de mataçais de seis a sete pés de altura, sem caminhos, sem passagens, por pântanos e atoleiros, por rios sem pontes — é mais penosa ainda e eu, por mim, prefiro tombar no meu posto de soldado, a morrer miseravelmente em marcha, sem ajuda, que não se pode conseguir. O calor aqui é terrível.

Lembranças de todos os voluntários de Dona Francisca a todos os parentes e amigos em nossa Colônia.

20 de dezembro — Desde ontem nos encontramos a bordo do vapor Araguay, comandado por um oficial alemão, o comandante Hoonholtz(2) e que já se distinguiu sobremaneira em seis combates, principalmente na batalha do Riachuelo. É bem verdade que o serviço a bordo enerva a muitos, mas temos boa alimentação e estamos todos bem. Os homens recebem às cinco da manhã, um gole de cachaça, às seis, café e quatro torradas, ao meio dia, 3/4 de libra de carne com legume, depois um gole de cachaça e às cinco ou seis horas da tarde, caldo de carne com 1/2 libra de carne. Louis Richter foi promovido a Alferes, von der Osten a primeiro Sargento e Emil Gaensly a Furriel. O inimigo se encontra a uma hora de distância de nós e pode ser esperado a qualquer momento. Por isso, todo o contingente fica de prontidão, sempre a partir das duas da madrugada. Durante à noite, um oficial da marinha e um de nós com 30 homens ficam de prontidão e os postos são revistados de 10 em 10 minutos. Os indígenas nos divertem muito, são tipos grotescos, principalmente as mulheres, que não usam camisa, nem mesmo crinolina — andam “ao natural”, conforme Eva...

.....

Nota da Tradutora: (1) O voluntário joinvillense Adolf Baurath faleceu a 15 de dezembro de 1865. (2) Antônio Luis von Hoonholtz nasceu no Rio de Janeiro em 1837 e foi agraciado com o título de Barão de Teffé, em 1873.

O relato acima foi escrito pelo voluntário joinvillense Alferes Wilhelm Hoffmann.

.....

A coleção completa do “Kolonie-Zeitung” faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

Por absoluta falta de espaço, deixamos de apresentar fatos registrados entre os dias 19 a 31 de maio, na última edição de "Blumenau em Cadernos". Tais fatos vão aqui registrados e, na seqüência, o que ocorreu durante o mês de junho último.

— DIA 19 DE MAIO — A exemplo de anos anteriores, teve início nesse dia, as disputas dos VI Jogos Estudantis da Primavera, cujo encerramento foi marcado para o dia 3 de junho. As disputas incluíram categorias mirim, infantil e juvenil.

— DIA 26 DE MAIO — Realizou-se no Teatro Carlos Gomes, grande noite de arte musical, intitulada "Festival de Bach", reunindo com a Orquestra de Câmara regida pelo maestro Norton Morozowicz, os solistas Paulo Bosisio, Martinna Graf, Ulrike Graf Morozowicz, e o próprio maestro Norton Morozowicz.

— DIA 30 DE MAIO — Nesse dia foi doado ao Museu da Família Colonial pertencente à Fundação "Casa Dr. Blumenau", uma peça usada, desde 1880, para ferver ovos e de fabricação suíça. A peça pertenceu à Sra. Albertina Stingelin e foi doada à Fundação pelo casal Fred e Dona Erica Stingelin. Os agradecimentos penhorados da direção pela gentileza da valiosa doação, cuja peça veio enriquecer sobremaneira o acervo do Museu da Família Colonial, dotado, hoje, de 625 peças catalogadas, além de um bem montado museu de fotografias antigas e belos quadros pintados por artistas catarinenses.

— DIA 31 DE MAIO — Em comemoração do transcurso dos 125 anos da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo fez realizar, através da Fundação Catarinense de Cultura, a Exposição Rotativa de Livros Raros, cujo evento teve lugar, nesse dia, às 16,30 horas, na Casa da Cultura, em Florianópolis.

— DIA 31 DE MAIO — Nesse dia, o prefeito em exercício, Sr. Ramiro Ruediger, sancionou lei decretada pela Câmara de Vereadores, proibindo o uso do fumo em estabelecimentos públicos fechados incluindo transportes coletivos urbanos.

— DIA 31 DE MAIO — Estréia em Blumenau o famoso circo da juventude, de procedência espanhola, intitulado "Los Muchachos", prometendo uma temporada de sucessos.

Mês de Junho de 1979

— DIA 1º DE JUNHO — O Teatro Carlos Gomes promoveu mag-

nífico Recital à 4 Mãos, com os pianistas Donata Madejska e André Müller, Professores da Escola Superior de Música de Blumenau.

— DIA 2 DE JUNHO — É aberta à visitação pública uma segunda secção do Museu da Família Colonial, pertencente à Fundação “Casa Dr. Blumenau”. Esta secção é composta pelas peças que achavam-se expostas no sótão da casa em cujo térreo estão as principais peças pertencentes à família do fundador e de seus descendentes. Além das citadas peças agora localizadas na segunda secção, outras foram adicionadas, bem como criado um atraente museu de fotografias antigas. A segunda secção acha-se instalada no prédio nr. 2, recém-restaurado e em duas amplas salas e corredor central.

— DIA 3 DE JUNHO — A Federação Catarinense de Ciclismo, juntamente com a Comissão Municipal de Esportes de Blumenau, promoveu neste dia a realização de duas provas ciclísticas, na Alameda Rio Branco, a partir das 8.30 horas. A primeira prova envolveu atletas da categoria Junior, com limite até 18 anos de idade, enquanto que a segunda foi disputada entre atletas de 1^a. e 2^a. (classificações diferentes), inscritos na Federação de Ciclismo. O percurso foi de 70 quilômetros (voltas correspondentes), com largada em frente à sede do Grêmio Esportivo Olímpico.

DIA 8 DE JUNHO — A Secretaria de Educação e Cultura de Blumenau, inicia a distribuição às escolas da rede municipal, do livro DICO, O SERTANEJO HERÓI, de autoria de José Gonçalves, diretor executivo da Fundação “Casa Dr. Blumenau” e lançado pela Livraria e Editora Lunardelli, livro esse adquirido pela municipalidade para tal fim.

— DIA 10 DE JUNHO — Tem início em Blumenau a primeira etapa do Campeonato Catarinense de Skat, promovido pela Federação Catarinense de Skat, tendo por local a sede do Centro Cultural 25 de Julho. Quinze cidades estiveram representadas, tendo se inscrito um total de 228 participantes.

— DIA 13 DE JUNHO — Nesse dia, o engenheiro do Departamento de Serviços Urbanos da Prefeitura, Sr. Mauro Rodrigues de Mello, prestou interessantes declarações à imprensa sobre o plano da implantação em Blumenau de uma usina de lixo, a qual será o complemento do aterro sanitário e garantirá o aproveitamento de 80% dos resíduos na preparação de fertilizantes.

— DIA 14 DE JUNHO — Nesse dia teve início, em Blumenau, a disputa dos Jogos Abertos Regionais da Região Leste, como fase classificatória para os XX Jogos Abertos de Santa Catarina. Cerca de três

mil atletas participaram das disputas. Blumenau esteve representada pelo maior número de atletas: 286. As modalidades disputadas foram: atletismo, judô, xadrez, tênis de campo, handebol, bolão, basquete e voleibol.

— DIA 15 DE JULHO - No Teatro Carlos Gomes realiza-se o Recital de Piano com o concertista Jorge Hartke. A promoção foi da FURB e Escola Superior de Música de Blumenau.

— DIA 15 DE JUNHO — A Secretaria de Agricultura da Prefeitura de Blumenau divulgou, nesse dia, o relatório das atividades exercidas durante o mês de maio, assinalando que o trator esteira trabalhara 644 horas, atendendo a 114 proprietários, nas localidades de Itoupava Central, Tatutiba III, Itoupava Rega, Braço do Sul, Vila Itoupava, Garcia, Morro do Gato, Nova Rússia e Salto Weissbach. Além disso, o Horto Florestal forneceu, para arborização da rua 2^ª de Setembro, 113 árvores de sombras e mais doze para a rua Benjamin Constant, além de haver doado 687 mudas de diversas espécies de árvores nativas da região para arborização de passeios e jardins.

— DIA 16 DE JUNHO — Chuvas torrenciais que caíram naquela noite, causaram sérios problemas de alagamento, especialmente nas ruas São Paulo e Sete de Setembro.

— DIA 16 DE JUNHO — O Grupo Açoriano de Teatro, de Florianópolis, apresentou em Blumenau, no palco do Teatro Carlos Gomes, nesse dia e no dia seguinte (17), a peça infantil intitulada "A Menina das Estrelas".

— DIA 19 DE JUNHO — Diretor do DNOS promoveu palestra no Centro de Convenções do Teatro Carlos Gomes, declarando que as barragens, após concluída a última em Ibirama, garantirão uma redução de três metros nas enchentes previsíveis. Disse que ditas barragens não livrarão Blumenau das cheias, mas sim que reduzirão as consequências, garantindo pelo menos um controle num nível que não poderá ir além de nove metros, quando o previsível for de 12 metros.

— DIA 19 DE JUNHO — O Teatro Carlos Gomes promoveu, através da Escola Superior de Música de Blumenau, a apresentação do Corç Infantil — Madrigal — e Orquestra Juvenil, espetáculo que comoveu e agradou sobremaneira.

— DIA 21 DE JUNHO — Em visita a diversas cidades do Estado de Santa Catarina, esteve nesse dia em Blumenau, o Sr. Hans Georg Fein, cônsul geral da República Federal da Alemanha em Curitiba. Na companhia do cônsul honorário daquele país em Blumenau Sr. Hans Prayon, o Sr. Hans Georg Fein visitou o Instituto Brasil Alemanha e a

Fundação Educacional da Região de Blumenau, além do prefeito em exercício, Sr. Ramiro Ruediger.

— DIA 22 DE JUNHO — A professora Dinorá Gonçalves, responsável pelo Departamento de Comunicações e Expressão da Rede Municipal de Ensino, inicia uma campanha no sentido de induzir os estudantes à leitura. Numa declaração à imprensa, aquela educadora afirma que “o estudante de hoje não escreve porque não lê”. Uma das fórmulas para o êxito da campanha, aconselhada pela professora Dinorá, foi a de dotar todas as escolas de bibliotecas adequadas que ofereçam livros de temas variados, ao gosto de cada aluno.

— DIA 23 DE JUNHO — Realiza-se no Teatro Carlos Gomes o Primeiro Encontro de Orquestras, iniciativa das mães auspiciosas e que foi grandemente prestigiada pelo público blumenauense. Participaram orquestras de Joinville, Joaçaba, São Bento, Florianópolis e Blumenau. Nesse dia, apresentaram-se as orquestras de Joinville, a Orquestra Juvenil de São Bento do Sul e a Orquestra de Florianópolis. No dia seguinte, dia 24, apresentaram-se em outra magnífica noitada, as orquestras de Joaçaba e de Blumenau. Ao final da noitada, uniram-se as cinco orquestras, com cento e quarenta músicos, executando, primeiramente o Hino de Santa Catarina, para depois apresentar a suíte de G.F. Haendel, considerada das mais populares entre os clássicos. Sucesso sem precedentes, o Encontro de Orquestras, e que deverá ser repetido com a maior freqüência possível.

— DIA 25 DE JUNHO — Nesse dia tem início, pela Prefeitura, os trabalhos de demolição entre a rua Padre Jacobs e Floriano Peixoto. Trata-se da casa situada ao lado da antiga Churrascaria Adolfo e cujo alinhamento achava-se bastante irregular em relação ao novo traçado. A antiga construção que aparece com destaque, por ser a única existente por volta de 1930, numa bela fotografia constante do Quadro de Fotografias Antigas do Museu da Família Colonial, ao longo da rua 7 de Setembro, vai desaparecer, ficando apenas nas fotografias conservadas com carinho no nosso Museu, a mostra de como era a nossa cidade, pela rua 7 de Setembro, na década 1930-1940.

— DIA 26 DE JUNHO — Nesse dia, chegou a Blumenau, para uma rápida visita, o Embaixador do Canadá no Brasil, Sr. James Howard Stone, acompanhado de sua mulher Cristine, tendo o ilustre visitante sido recebido em gabinete pelo chefe do Executivo em exercício, Sr. Ramiro Ruediger.

— DIA 27 DE JUNHO — Procedentes da República Federal da Alemanha, mais precisamente dos arquivos históricos existentes na Baixa Saxônia, chegaram a Blumenau, em embalagem especialmente

preparada, centenas de cópias fotográficas de documentos históricos relacionados com a colonização de Blumenau, catalogados e arquivados naquele estabelecimento de cultura da Alemanha. Toda a documentação, parte redigida no vernáculo e parte em língua alemã, deverá ser aproveitada no curso das edições mensais de "Blumenau em Cadernos" para que, na revista histórica sejam documentados tais fatos que servirão para pesquisas no futuro.

— DIA 27 DE JUNHO — Atos de vandalismo foram praticados na noite anterior, tendo sido derramada tinta preta sobre parte do monumento dedicado à MÃE, cuja estátua encontra-se na Avenida Presidente Castelo Branco.

— DIA 27 DE JUNHO — Para o acervo histórico da região do Vale do Itajaí, esse dia foi muito importante. Chegaram a Blumenau, procedentes da Alemanha, centenas de cópias e documentos históricos existentes nos arquivos históricos da Baixa Saxônia e encomendados pelo Prefeito Renato Vianna. Os documentos foram despachados quando da estada do chefe do Executivo blumenauense naquele país e aqui chegaram quase no mesmo dia do retorno do Prefeito. Tais documentos serão divulgados nas edições de nossa revista.

Valata Azambuja: Pe. Antônio Eising e Pe. José Sundrup

Na edição anterior, apresentamos uma carta de Pe. Sundrup (1), na qual ele, de maneira muito pessoal, escreve suas observações a um amigo da Alemanha sobre as finalidades, espiritual e material, da "Valata Azambuja", situada a 3 km da Vila de Brusque. Pe. Sundrup (2), sacerdote secular, foi Coadjutor do Pe. Eising na Paróquia de Brusque. Nasceu ele na Westfália (Alemanha) de uma família protestante. Ordenou-se em 1897 e, 2 anos depois, veio ao Brasil, a convite de D. José Camargo de Barros, fixando residência em Curitiba. Em 1901, transferiu-se para Brusque, devendo assumir as funções de Coadjutor da Paróquia São Luís Conzaga. Com o ingresso, em 1904, de Pe. Eising na Ordem Franciscana, a Paróquia é entregue, em outubro, aos Padres da Congregação do Sagrado Coração de Jesus. Em dezembro, Pe. Sundrup recebeu, então, provisão de Fabriqueiro-Administrador de Azambuja, fixando residência aí, em vista dos trabalhos realizados anteriormente.

Ambos os missionários viveram construindo obras e criando instituições caritativo-assistenciais, que consideravam indispensável ao florescimento da Igreja Católica de então. Na "Valata Azambuja", a

Santa Casa de Misericórdia, mantida por eles e pela caridade dos vizinhos alemães e italianos, abrangia as seguintes instituições:

1. **Hospital e Asilo**, para abrigar indigentes e abandonados. Anos depois, a ala de doentes mentais, Pe. Lux a transformou em **Hospício de Alienados Mentais**.
2. **Escola Paroquial**, masculina e feminina, pois a situação do ensino era lastimável, proibindo o governo o ensino da Religião nas Escolas Públicas.
3. **Escola Catequética**, para abrigo das crianças em preparação à Primeira Comunhão e ensino religioso posterior — indispensável à vida cristã.

O centro de toda obra, no entanto, era a Capela em honra à Nossa Senhora de Caravaggio. Mas, a “Valata Azambuja” fora colonizada por algumas famílias italianas da Província de Milão, que foram



Este prédio iniciou-se em abril de 1907, pelo Padre Gabriel Lux, para abrigar o Hospital da “Santa Casa de Misericórdia” de Azambuja. A planta completou-se com a ampliação de outubro de 1929. Novo aumento dá-se em 1947. Hoje, conserva-se apenas o estilo romântico do edifício, onde funciona o Museu Arquidiocesano “Dom Joaquim”. O Museu nasceu em 1933, com a coleção de numismática, heráldica e história natural, doada por João Brandão ao Seminário Arquidiocesano.

estabelecidas em linha do Riacho Azambuja. As denominações anteriores, “Caminho do Meio” e “Ribeirão do Meio” foram substituídas por “Azambuja”. Segundo alguns, foi nome de um negociante que residia no começo da linha. Entretanto, mas convincente é a versão que atribui o nome ao Conselheiro Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja,

Diretor das Terras Públicas e Colonização, por ocasião do início da demarcação dos lotes coloniais naquela região.

Os italianos desembarcaram em Brusque a partir de 1875. Numas dessas levadas, algumas famílias pretenderam unir-se no mais forte laço de amizade e de amor cristão. Ao se estabelecerem nas linhas de Azambuja, já algumas se afastaram da "Valata", em busca de melhores condições e, principalmente, de minérios preciosos do lado da Argentina.

Os que ainda pactuavam a promessa de erguer Capela à **Madonna de Caravaggio**, construíram-na e a concluíram por volta de 1885, sobre as terras de Pietro Colzani. Sobre o altar, ficava o quadro-cópia da Madonna de Caravaggio, enviado pela Condessa Bianca Melzi Brambilla, de Milão. A piedade, a oração a devoção pela Virgem, com a criação da comunidade religiosa, realizou os atos de sociedade do grupo italiano, dedicado à agricultura. O tempo isolou-os de qualquer laço cultural que não fosse a própria tradição. A Capela unia a todos pelos laços espirituais à terra-mater italiana. Ela foi o centro de irradiação das novidades, das ofertas de produtos e sua troca e, mais tarde, da educação e assistência médica.

Mas fora Pe. Antônio Eising (3) quem percebera e fizera do Núcleo de Azambuja um lugar de peregrinações, desde logo comparável à Iguape. A nova Capela ficou pronta a 1894. O Vigário de Brusque era alemão, nascido em Bocholt, em 1847. Ordenou-se Sacerdote do Senhor a 1871 e vinte anos após, veio ao Brasil a convite do Pe. Francisco Topp, que articulava o movimento de criação da Diocese de Santa Catarina/Pe. Eising foi nomeado Cura das Colônias Itajaí (Paróquia de São Luís Gonzaga) e Dom Pedro (Águas Claras). Foi aí que desenvolveu fecundo apostolado quando desabrocha em seu coração o espírito sanfranciscano. Assim, resolveu assumir o hábito, deixando Brusque em 1904. À página 18 da "Crônica do Convento", de Rodeio, lê-se do latim a data em que recebeu as vestes e a mudança de nome:

"Die 12 februaryi (1905) recepit habitum Ordinis R. P. Capistranus Eising anno 58^o. aetatis suae, qui, tamquam missionarius dioceseos Monasteriensis jam anno 1890 in Brasilian profectus, administraverat ultimis annis magno zelo parochiam Brusque".

Foi ativo, depois, em Petrópolis, Curitiba e, em Rodeio, como auxiliar do Mestre de Novícios. Faleceu no Hospital Santa Isabel, de Blumenau. A mesma "Crônica", páginas 35 e 36 traz outra nota, por ocasião de seu passamento:

"Em agosto o Revm^o. Pe. Capistranus Eising pregou o retiro à comunidade religiosa do Convento de Blumenau. Sofrendo, há

tempo, da bexiga, sujeitou-se a uma pequena operação. Durante o retiro, piorou seu estado de tal maneira que mal podia terminar as pregações. Alguns dias depois do retiro, em começo de setembro, foi para o Hospital Santa Isabel e poucos dias depois o seu estado se havia tornado desesperador. A sua, aliás forte, constituição, acabrunhado pelo peso de 74 anos e esgotado por uma vida de abnegados e penosos trabalhos e enormes sacrifícios, já não podia resistir às forças destruidoras da doença. Expirou no dia 18 de setembro, de manhã, pelas 9 horas, que era domingo e festa de Nossa Senhora da Piedade. No mesmo dia, chegaram a Blumenau o Revm^o. Superior deste Convento, Pe. Policarpo, o Revm^o. Pe. Modesto, dois outros religiosos e várias personagens da Paróquia de Rodeio para assistir às solenes exéquias.

Em toda a província e, sobretudo na paróquia e no convento, já se ia preparando e já há tempo ecoara em toda a província, o júbilo mal contido pelo dia áureo do Revm^o. Pe. Capistranus, o jubileu quinquagenário de seu sacerdócio. Cumpriu-se, no entanto, o desejo do jubilário: festejar este dia privilegiado — 30 de novembro — no céu. Nós todos somos convencidos que o “Deus totius consalationis” não lhe tenha negado este piedoso e santo desejo”.

Até o final do século, a obra intencional de assistência aos pobres, aos miseráveis mal sucedidos da imigração, dirigida pelos dois sacerdotes, continuou com a aquisição de lotes vizinhos que passaram a constituir o “**patrimonium beatae Mariae Virginis de Caravaggio**”. Este foi o começo da Santa Casa de Misericórdia, de Azambuja.

NOTAS:

- (1) LUTH, Aloisius C., CARTA DE PE. SUNDRUP A UM AMIGO, NA ALEMANHA, in Rev. Blumenau em Cadernos, n^o. 6, 1979.
- (2) BESEN, José Ar, AZAMBUJA CEM ANOS, Brusque, 1977.
- (3) Livro de Tombo do Santuário de Azambuja, n^o. 1.

OBSERVAÇÃO

Na introdução à “Carta de Pe. Sundrup a um amigo, na Alemanha”, saiu errado sua provisão de Fabriqueiro-Administrador de Azambuja, que deveria ser 10 de dezembro de 1904, pois a 4 de setembro de 1905 foi ele nomeado Coadjutor do Pe. Carlos Boegershausen, Vigário de Joinville.

Aloisius Carlos Lauth

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

OS CONTOS DA FURB

Diversos Autores — Editora Acadêmica, Blumenau - 1979.

Surge uma nova Editora em Santa Catarina: a Acadêmica, de Blumenau, que edita este "Os Contos da FURB", englobando os contos premiados nos concursos da Fundação Educacional da Região de Blumenau (FURB), promovidos nos anos de 1975, 1976 e 1978, razão pela qual a própria FURB co-edita a obra. Se nos dois primeiros concursos só se permitiu a participação de universitários, o terceiro recebeu trabalhos de qualquer escritor, independente da sua condição de universitário ou não.

Constata-se, por isso, que a uniformidade de contos curtos, característica dos anos 1975/76, passa a não existir em 78, onde ao lado de "curtíssimos", como "A Cobra", de Edith Kormann, vamos encontrar "Fonjo", de José Curi (1º. lugar), ou "Korinn", de Cezar Augusto Mortari (5º. lugar), mais extensos.

Verifica-se, também, que a não seleção de universitários apenas, provoca uma desleal concorrência. É evidente essa concorrência: José Curi e Edith Kormann, dois dos cinco premiados em 78, são professores universitários e ambos têm obras publicadas. Motivo, talvez, que arrefeça um pouco os estudantes universitários dispostos a participar de próximas maratonas literárias promovidas pela FURB.

Mas não seria este fato um desabono à promoção: pelo contrário, ela deve continuar, dividindo-se, quem sabe, as premiações para universitários e não universitários.

Destaque especial para a arte e diagramação da capa, de Oldemar Olsen, que também é Diretor Cultural da Editora Acadêmica. Excelente trabalho artístico. As ilustrações dos contos, de artistas catarinenses, são meros enfeites pois não se relacionam com os escritos. Por isso, ficamos decepcionados logo de início ao depararmos com uma sugestiva ilustração de Johanna (pseudônimo ?) mostrando paisagens de Blumenau e algumas crianças a brincar neste cenário, seguida do conto "Sem Rimas e Sem Razão", de Maria Odete Onório Olsen, muito bom mas sem qualquer relação com a citada ilustração.

Com estes pequenos deslises, todavia, a Acadêmica deu um importante primeiro passo. Primeiro passo que deverá ser seguido por outros. Esperamos que as vendas cubram o investimento e por isso recomendamos: nas livrarias e bancas, ao preço de Cr\$ 80,00, o que não é muito.

VERDE VALE,

de **Urba A. Klueger** — Editora **Lunardelli**, 1979.

Uma jovem escritora catarinense que despertou, há pouco, a

atenção dos nossos editores, Urda Klueger, aparece com este trabalho, antes mesmo de ser publicado um conto seu, incluído na antologia que a "Fundação Casa Dr. Blumenau" está preparando para lançar ainda este ano. Urda, e seu "Verde Vale", vêm prefaciados pelo poeta Marcos Klonder Reis, que vê na escritora uma grande revelação.

E nós sentimos, com satisfação, a pena suave de Urda escrevendo sobre ficção ambientada no Vale do Itajaí, especialmente em Blumenau, onde a escritora nasceu e viveu a maior parte de sua vida. "Verde Vale" conta a estória de Humberto Sonne, que nasceu na Europa e imigrou para o Brasil na metade do século passado, como descreve a autora: "Numa manhã de fevereiro de 1857, a família Sonne desembarcou no Brasil, na foz do Rio Itajaí-Açu, mais precisamente na praia de Cabeçudas, com destino à Colônia Blumenau. Humberto Sonne contava 32 anos de idade e a meiga Eileen, 25. Gustav já era um menino de quase 8 anos, e estava tão assustado quanto os demais." São duzentas páginas em que a saga da família é contada, com cenários tirados da nossa paisagem, nosso cotidiano ou do cotidiano dos nossos avós. Além da alegria que nos traz alguém lembrar-se deste cenário, é gratificante constatar-se que, de quando em vez, emerge um escritor ou escritora em nossa terra. Vamos torcer para que Urda não pare de escrever. E que de sua imaginação nasçam novas estórias, com cenários nossos. Ao lado de "Dico - O Sertanejo Herói", de José Gonçalves, "Verde Vale" contribui para a revitalização da literatura que tem por cenário esta região, coisa que há muito tempo deixou de ser feita, desde os tempos em que Gertrud Gross-Hering escrevia romances em língua alemã, também ambientados na zona de colonização germânica do Vale do Itajaí.

Temos certeza de que a resposta do público leitor a este primeiro romance de Urda Klueger será satisfatória. E fará com que ela se sinta incentivada para continuar avante a carreira ora iniciada.

A "HARMONIE - GESELLSCHAFT"

Elly Herkenhoff

Desde os primórdios de sua história, Joinville sempre se notabilizou por várias características peculiares, entre as quais o grande número de associações aqui existentes — associações culturais, recreativas, assistenciais e esportivas — e foi particularmente fecundo neste setor o ano de 1858, o sétimo ano de sua fundação, quando surgiram nada menos de três sociedades, que marcariam profundamente, todas as

três, a vida, os costumes e o desenvolvimento cultural de gerações inteiras que nos precederam nesta nossa antiga Colônia Dona Francisca. A primeira foi a "Harmonie-Gesellschaft" (Sociedade Harmonia), a segunda a "Deutscher Turnverein zu Joinville" (Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville) e a terceira a "Sängerbund" (Liga de Cantores).

"Foi a 31 de maio de 1858, que os cidadãos adiante relacionados,

em número de 25, se reuniram no salão do Sr. Adalbert Ravache, com a finalidade de fundarem uma sociedade de teatro amador, que viesse proporcionar entretenimento, social, com a apresentação mensal de uma peça, facultando, nesses espetáculos, a entrada de não-sócios, mediante o pagamento de módica contribuição, a fim de conseguir, desta maneira, custear as despesas, inclusive a aquisição do material para as apresentações teatrais. . .”

Este é um dos trechos do discurso proferido na noite de domingo, 31 de maio de 1908, por ocasião da festa comemorativa do 50º aniversário de fundação da “Harmonie-Gesellschaft” em Joinville. Foi orador o único sócio-fundador então ainda vivo, o arquiteto Albert Kroehne, o qual ao traçar um retrospecto do meio século de existência da sociedade, apresentava detalhes há muito esquecidos, até mesmo quanto à origem da “Harmonie”.

“A fundação”, nos diz o orador, “foi consequência do hábito dos piquiniques realizados mensalmente e das reuniões de famílias amigas em casa do Sr. Eduard Trinks — reuniões constantes de um espetáculo teatral seguido de baile. Levantava-se no chamado “salão” um palco em miniatura, facilmente desmontável após a apresentação e no qual, segundo me recorde, foram apresentadas as peças em um ato “Der Nachtwächter” (O Guarda Noturno), “Der Spiegel” (O Espelho) e outras.

Eram os seguintes os fundadores: E. Trinks, G. A. Otto Niemeyer, Fr. Heeren, L. Aubé, Dr. Haltenhoff, O. Doerffel, Padre

Boegershausen, Amtmann Eisen-decker, T. Ravache, A. Ravache, A. Wunderwald, Brink, C. Parucker, Lewenhagen, Tiemann, Kloppe, Schick, Geissler, Bauer, R. Zinneck, von Reibnitz, Seiffert, Abich, Leistikow e minha modesta pessoa. As famílias pagaram Rs. 1\$000 de jóia, os cavalleiros solteiros Rs. 500, arrecadando-se assim a soma de Rs. . . . 21\$500, com a qual se constituiu a Sociedade.

Como ainda não houvesse instalações adequadas, a alternativa era a improvisação. Assentavam-se tábuas resistentes sobre cavaletes baixos, colocados no lugar do palco, penduravam-se os bastidores, constituídos de caixilhos de madeira forrados de papel, em ganchos presos ao teto — e estava armado o palco. A primeira peça apresentada foi “Die Deutschen Kleinstaedter” (Os Alemães Provincianos), do autor Kotzebue. A iluminação era a velas de estearina, porque àquela época ainda não havia lâmpadas e nem querose tampouco e a aquisição de lâmpadas a óleo era por demais dispendiosa.

Segundo consta nos livros existentes, foram compradas três libras de velas para aquele primeiro espetáculo. Era preciso, naturalmente, proceder com a máxima parcimônia, embora as despesas daquela época não possam ser comparadas às de hoje em dia. Assim por exemplo, pagava-se a importância de 80 rs. ao mensageiro para entrega de circular. Otto Fromm recebeu 240 rs. pela entrega de um convite a um espetáculo teatral e 160 rs. por serviços de cobrança. Mas a 30 de junho de 1858 pagou-se a

Adalbert Ravache a soma, relativamente elevada, de Rs. 20\$000 pela música e iluminação.

Assim alternavam-se espetáculos teatrais e bailes, para evitar acúmulo de despesas. A Sociedade foi se desenvolvendo rapidamente e em dezembro de 1858 já contávamos 43 sócios e, apesar da precariedade da situação financeira, teve-se a rara ousadia de projetar, já em dezembro daquele ano, a construção de um salão próprio para os espetáculos e bailes. Os meios necessários seriam obtidos pela emissão de bônus, dos quais ainda existe um exemplar. Cada sócio subescrevia o número de bônus que desejasse e a respectiva importância lhe seria restituída aos poucos, de acordo com a situação da caixa. Cada bônus tinha o valor de Rs. 5\$000, e rapidamente estavam subscritos 40, ou seja, Rs. 200\$000.

Infelizmente não encontrei os dados a respeito da construção do teatro, mas lembro-me que era uma casa de enxaimel e madeira, coberta de telhas, levantada no terreno de A. Ravache, tendo custado mais ou menos Rs. 1.800\$000. Não era grande demais, porém suficientemente ampla para as condições da época. Muitas reuniões alegres ali se realizaram e lembro-me que foram as noitadas mais belas vividas pela "Harmonie". Os sócios mais idosos, que ainda se recordam daquele tempo, estarão de acordo comigo.

Simultaneamente quase fundou-se um círculo de leitura, a "Sociedade Agronômica" em Joinville, que organizava as suas reuniões em colaboração com a "Harmonie", com ela dividindo as

despesas em partes iguais. No fim de 1868 e principio de 69 a Sociedade deixou aquele salão, instalando-se no salão do Sr. W. Berner, onde foi construído um palco provisório usado durante algum tempo..." Continua o nosso cronista falando de uma certa estagnação durante vários anos, em consequência da morte de alguns sócios dos mais proeminentes e ativos e a retirada de Joinville de outros, até que, em 1872, "um novo espírito" se apoderou da Sociedade. Novas peças teatrais foram copiadãs, algumas permutadas com a Sociedade teatral de Blumenau, novos sócios foram admitidos ou readmitidos, o palco foi reformado, dando início a uma nova era.

"Muitos dos sócios mais idosos se recordarão, sem dúvida, das peças levadas ao palco naquela época; peças como "Der Dorfbarbier" (O Barbeiro da Aldeia), "Der Komet" (O Cometa), "Hans Jörg", "Proclosa" e outras de igual categoria. O entusiasmo reinante era enorme, o palco foi ampliado e reformado e a "Harmonie" se tornou a sociedade mais importante de Joinville. Em 1880 foi assinado um contrato com o Sr. Theodor Kuehne, visando melhores condições para a Sociedade e a construção de um palco em seu novo salão. A Sociedade mudou a sua sede e em 1884 ali deu as suas primeiras apresentações teatrais. É o período que abrange a era do Sr. von Campe, que elevou a "Harmonie-Gesellschaft" a um alto grau de desenvolvimento artístico.

Após a morte do Sr. Theodor Kuehne, novo contrato foi feito com o seu sucessor, o Sr. W. Wal-

ther, mas terminado o contrato em 1898, a Sociedade entrou em atendimento com os Irmãos Berner, os quais, em vias de construir um novo salão de baile à rua do Porto, hoje rua Nove de Março, assumiram o compromisso de anexar um palco amplo e cômodo para a Sociedade...

A mudança para o Salão Berner, segundo o nosso cronista, custou à "Harmonie" a importância de Rs. 1.447\$700, incluídas as despesas com a nova decoração e as novas instalações do palco, e a estréia se deu a 28 de outubro de 1900, com a peça "Mein Leopold" (Meu Leopoldo). E termina o longo retrospecto de Albert Kroehne, publicado no "Kolonie-Zeitung" de 4 de junho de 1908, com o agradecimento do único sócio-fundador sobrevivente naquela data, às sucessivas dietorias da "Harmonie", que souberam vencer todas as dificuldades surgidas no decorrer dos anos.

É interessante notar que, entre os 25 nomes dos fundadores acima relacionados, há vários hoje absolutamente esquecidos em Joinville, enquanto outros se tornaram muito significativos para nós — são nomes de pessoas que se destacaram, de um modo ou de outro, na História de Joinville, como o Padre Carlos Boegershausen, vigário e educador de várias gerações de joinvillenses, desde a sua chegada em 1857 até a sua morte, ocorrida em 1906. Eduard Trinks, imigrado com a esposa e 6 filhos em 1853, um dos primeiros negociantes de Joinville. Adolf Haltenhoff, imigrado com a esposa e 3 filhas moças em 1852, inspetor da Colônia e membro da direção. Léonce Aubé, represen-

tante do Príncipe de Joinville, desde 1852 casado com uma das filhas de A. Haltenhoff. Friedrich Heeren, imigrado em 1851, engenheiro da direção, desde 1852 casado com outra filha de A. Haltenhoff. G. A. Otto Niemeyer, sub-delegado, desde 1853, casado com a terceira filha de A. Haltenhoff. Ottokar Doerffel, imigrado em 1854, fundador do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia) em 1862. Carl Julius Parucker, imigrado em 1854, professor da Colônia e redator e colaborador do "Kolonie-Zeitung" durante muitos anos, casado com a filha primogênita de Eduard Trinks. August Wunderwald, agrimensor, que se celebrou pelas suas incursões na floresta virgem, rasgando as futuras estradas, em várias direções. Jean Bauer o assim chamado "Der Kleine Bauer" (O pequeno Bauer), devido à sua estatura, negociante estabelecido no km 5 da Estrada Dona Francisca, político e Juiz de Paz na Colônia. Rudolf Zinneck, imigrado em 1851, agrimensor, casado com Johanna S. Colin, imigrada com a mãe viúva e 5 irmãos. Theodor e Adalbert Ravache, imigrados em 1855, sendo o último, dono do salão Ravache, situado na esquina das ruas do Norte e Cochoeira, hoje ruas Dr. João Colin e Princesa Isabel. E o próprio Albert Kroehne, arquiteto estabelecido desde 1852 em Joinville, construtor das duas igrejas, a evangélica, inaugurada em 1863 e ainda hoje existente à rua Princesa Isabel, e a católica, iniciada em 1864, inaugurada com benção solene em 1867 e demolida 90 anos depois, para dar lugar ao edifício da Catedral do Bispado, inaugurado em 1977. (Continua)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

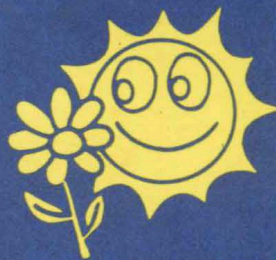
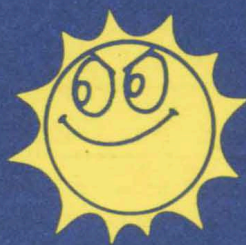
Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.


Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.

Scriba

 malhas
Hering